

DILEMA NUMA BAHIA TRADICIONAL E MODERNA

ROMO, Anadelia A. *Brazil' s Living Museum: Race, Reform, and Tradition in Bahia*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2010. 221p.

Se eu fosse resumir os primeiros argumentos apresentados por Anadelia A. Romo, diria que, primeiro, ela constata uma autonomia cultural dos afro-baianos distinta das tendências modernizantes das regiões sul e sudeste do Brasil. Segundo argumento, há em *Brazil' s Living Museum* uma visão crítica da cultura como algo estático.

O livro demonstra o modo como aconteceu uma resposta regional (baiana) à construção da identidade nacional brasileira. A autora destaca que, nas primeiras décadas do século XX, o ideal moderno de progresso e determinismo racial apontava a Bahia como o lócus da tradição, especialmente da autêntica tradição cultural afro-brasileira. Analisando um periódico que, no ano de 1901, reivindicava para Salvador o título de “Atenas”, Romo direciona sua análise para uma transformação de sentidos: as representações sobre Atenas foram substituídas pela herança africana. O escopo deste trabalho é examinar as

novas formulações de raça e cultura e os debates que foram incitados por diferentes sujeitos.

A perspectiva teórica é clara: como o conceito de raça se apresenta nesse contexto e como essa categoria, associada à noção de cultura, impede e impossibilita uma mudança social. E aqui se manifesta o dilema autoral que percorre as primeiras páginas desse importante livro, e que aparecerá também na sua conclusão. Inicialmente, vamos ao que se argumenta nos capítulos.

No capítulo 1, Anadelia A. Romo reflete sobre o campo da medicina no século XIX, visto como a mais importante arena para o pensamento racial do período. Examina as divisões entre os campos da saúde pública e a medicina forense, apontando o papel que tiveram os médicos tropicalistas. Um importante argumento é que a reforma social, mais do que teorias raciais ou climatológicas, foi o foco da agenda desses médicos no século XIX. E é nesse contexto de divisão

acadêmica que emerge o debate sobre raça.

Desse modo, examina o trabalho de Nina Rodrigues e observa o seu legado, visto como mais complexo e ambíguo. Esse argumento é significativo, pois, nas últimas décadas, verifica-se um consenso acadêmico em relacionar a visão de Nina Rodrigues exclusivamente a um determinismo racial. Ao examinar um artigo desse autor sobre a lepra, a autora demonstra que as ideias de ambiente e cultura, em “largo sentido político e social”, eram componentes críticos naquele que, posteriormente, seria considerado o mais importante cientista brasileiro.

A nossa compreensão das disputas internas no campo da medicina e do seu impacto na Bahia permaneceria incompleta, pois tenderíamos a percebê-las como isoladas uma das outras. A ideia principal é demonstrar que nas diferentes visões de raça e transformação social havia tanto um desenvolvimento quanto uma interação entre elas. Desse modo, os círculos médicos baianos, no início do século XX, são vistos como ativistas sociais.

No capítulo 2, a autora revisita a realização dos dois congressos afro-brasileiros, em Recife (1934) e em Salvador (1937), apontando uma intensa batalha pela legitimidade e pelo poder na consolidação dos estudos afro-brasileiros. Intelectuais como

Gilberto Freyre e Edison Carneiro são fundamentais nesse contexto de debate sobre o lugar da África em um Brasil que queria ser moderno. O legado da cultura africana na sociedade brasileira é deveras evidente. Por isso, as religiões afro-brasileiras tornaram-se objeto de discussão. Afinal, tratar-se-ia de reinvenção de tradições africanas em um novo ambiente como o soteropolitano?

Se, nesse capítulo, constam trabalhos analisados por outros autores, o capítulo 3 revela novas fontes de dados. Com o objetivo de apontar que “lideranças nas artes” buscavam também o estabelecimento da Bahia como o mais “autêntico centro para as tradições brasileiras”, vemos uma análise refinada e cuidadosa sobre a reorganização do Museu do Estado da Bahia, e as ideias sobre a cultura popular e a afro-brasileira, em particular, ali presentes. O Museu é fundamental para percebermos o contexto local do final dos anos trinta, e a tensão entre as categorias modernização e tradição, assim como a reverberação dos congressos afro-brasileiros realizados anteriormente.

E o que aconteceu com o Museu é um exemplo dessa disputa. Um espaço de exibição da cultura popular e da afro-brasileira, e também das raízes multiétnicas da Bahia, como queria o seu diretor José Valladares, ou o espaço de exibição do passado, reivindicado pelas elites? A mudança

viria, paulatinamente, pois o Museu do Estado da Bahia foi o renomeado Museu de Arte da Bahia e passou a ser uma instituição dedicada às “belas-artes”. A razão, seguramente, foi uma sobreposição da política local no espaço museológico, percebido, portanto, como de natureza elitista.

Os dois últimos capítulos têm como foco o debate sobre a natureza da cultura afro-baiana entre *scholars* norte americanos, como Ruth Landes, Melville J. Herskovits, Donald Pierson e E. Franklin Frazier (capítulo 4), assim como a disputa intelectual sobre o lugar da modernização e da tradição na Bahia, expressas nos estudos de comunidade e na elaboração e na consecução do projeto UNESCO (capítulo 5). É interessante notar a agenda desses pesquisadores e as suas articula-

ções com intelectuais brasileiros. Como afirmei no início desta resenha, Anadelia A. Romo assume o seu próprio dilema, que retomará no final do livro. E me parece que esse é o momento em que há um deslocamento temporal do contexto analisado e do seu objeto de análise, pois a autora discorre sobre as desigualdades raciais na Bahia e a falta de representação política dos negros nas últimas décadas. Por certo, isto é um fato, mas são problemáticas com interpretações diversas e embates acadêmicos entre *brazilianists*, ativistas e intelectuais brasileiros. Essa minha constatação acerca da conclusão não retira a originalidade de *Brazil's Living Museum*, a sua importância para os estudos afro-brasileiros e a sua narrativa fluida e prazerosa.

Jocélio Teles dos Santos

Departamento de Antropologia
e Coordenador do Programa
de Pós-Graduação em Estudos
Étnicos e Africanos
da Universidade Federal da Bahia